

A nova "idolatria" católica*

The new catholic idolatry

Matheus da Silva Bernardes**

Resumo

O presente texto pretende refletir sobre a atitude idolátrica de alguns círculos católicos e desmascarar o ídolo ou quais ídolos a sustentam. Essa atitude não corresponde às exigências que a história do começo do século XXI impõe aos discípulos e discípulas de Jesus Cristo. A noção de idolatria é tomada de J. Sobrino, que apresenta o Deus da vida e do Reino em uma relação duélica com os ídolos da morte e do anti-Reino. O texto tem como ponto de partida o contexto sócio-político e o chamado à conversão a Deus mediante a práxis de Jesus de Nazaré que revela a prática idolátrica e os próprios ídolos da morte. Tendo como fundamento esse estudo preliminar, intentar-se-á descobrir qual ídolo ou quais ídolos são cultuados no uso que alguns grupos católicos têm feito de véus e correntes, o empenho pela instauração de uma piedade que não só se afasta, mas nega o mundo, e uma prática litúrgica contrária às reformas do Concílio Vaticano II (excesso de vestes clericais, abuso no uso das velas, retorno ao Latim e até desprezo pela Palavra durante a celebração). O intento é mostrar que por trás desse

* Artigo enviado em 22/10/2018 e aceito para publicação em 07/12/2018.

** Presbítero da Arquidiocese de Campinas/ SP. Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – São Paulo/ SP. Atualmente, aluno do programa de doutorado da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Belo Horizonte/ MG. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“culto idolátrico” não há somente opções estéticas, mas decisões éticas e um profundo desconhecimento do Deus de Jesus de Nazaré. O desmascaramento da prática idolátrica é a afirmação da opção de Jesus de Nazaré pelos pobres deste mundo; o desmascaramento de ídolos é profissão de fé no Pai misericordioso, em quem o próprio Jesus e os pobres confiam.

Palavras-chave: Cristologia; J. Sobrino; conversão; idolatria.

Abstract

This paper presents a reflection on the idolatric attitude of certain Catholic circles and tries to unmask which idol or idols sustain it. This attitude may not endure due the challenges imposed to the disciples of Jesus Christ in the historical context of the beginning of the 21th century. The notion of idolatry is taken from J. Sobrino, who presents the God of life and the Kingdom in a fighting relationship against the idols of death and of the anti-Kingdom. The text begins with the social-political context and the demand of conversion to God through the Jesus of Nazareth’s practice that unveils the idolatric practice and the idols of death themselves. This preliminar study will provide material to discover which idol or idols are being worshiped by the use of veil and chains in certain Catholic groups, as well as the effort to establish a piety not only far, but that denies the world, and a liturgical practice against the reforms of the II Vatican Council (excess of clerical robes, abuse in the use of candles, restoration of Latin and even the contempt of the Word during the celebrations). The attempt is to show that behind this “idolatric cult” there are not only aesthetics options, but ethics decisions and a deep ignorance of Jesus of Nazareth’s God. The unmasking of the idolatric practice is the affirmation of Jesus of Nazareth’s option for the poor of this world; the unmasking of idols is the profession of faith in the merciful Father, whom Jesus himself and the poor trust in.

Keywords: Christology; J. Sobrino; conversion; idolatry.

1. Introdução

Reuni-vos e vinde! Chegai-vos todos juntos, vós os que escapastes às nações! Não tem conhecimento os que carregam os seus ídolos de madeira, os que dirigem as suas súplicas a um deus que não pode salvar. Anunciai, trazeis as vossas provas, – sim, tomem conselho entre si! Quem proclamou isto desde tempos antigos? Quem o anunciou desde há muito tempo? Não fui eu, Iahweh? Não há outro Deus fora de mim, Deus justo e salvador não existe, a não ser eu. Voltai-vos para mim e sereis salvos, todos os confins da terra, porque eu Deus e não há nenhum outro! (Is 45,20-22)

Talvez o título do presente trabalho possa trazer algum incômodo, especialmente porque a idolatria, como é possível ler em passagens do Antigo Testamento (cf. Ex 32,1-6.8.19-20; Dt 6,4-9; 1Rs 18,20-41; Is 45,5) constituía um grande, se não o maior de todos os pecados em Israel¹. Contudo, é necessário investigar as raízes de certas práticas de alguns grupos, especialmente dos assim chamados neoconservadores, que têm causado não poucas vezes consternação dentro da Igreja, sobretudo em tempos de Francisco.

Parece ser uma contradição *in se* que concomitantemente ao esforço de Francisco por uma *Igreja em saída* rumo às *periferias da existência*, surja com tanta força um movimento contrário que mais se ocupa com o rito e a suposta compreensão ortodoxa da doutrina, que com a missão, porque *a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros; isto é definitivamente, a missão*². Mas o que esses movimentos buscam, infelizmente, é uma *Igreja ego-cêntrica*, uma Igreja que somente olha para si, uma *Igreja doente*, porque já não olha mais para seu Senhor, que entregou sua vida por ela, nem para o mundo, ao qual está chamada a servir³.

Poder-se-ia analisar este fenômeno a partir de embates políticos dentro da própria Igreja, como infelizmente se tem assistido nos sucessivos ataques ao Sucessor de Pedro⁴; outra alternativa seria analisar o fenômeno

¹ Cf. IDOLATRIA. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, 1ª edição. p. 660. Não se entrará em detalhes sobre a idolatria no Antigo Testamento; basta afirmar que se trata de um pecado muito grave. Porém, vale mencionar a distinção feita por P. Richard: "A idolatria tem dois sentidos diferentes no Antigo Testamento: a que se dá no culto do Deus verdadeiro e a que se dá fora desse culto. No primeiro caso, a idolatria apresenta-se ligada ao problema das imagens culturais de Iahweh ou à questão dos ídolos javistas. No segundo caso, trata-se do culto a outros deuses ou a falsos deuses. Esses dois sentidos já podiam ser distinguidos na fórmula mais sintética da legislação mosaica: 'Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da escravidão. Não terás outro deus diante de mim' – Dt 5,6-7 (*outros deuses falsos*). 'Não farás para ti nenhuma escultura ou qualquer representação de coisa que esteja lá em cima nos céus ou aqui embaixo na terra ou nas águas sob a terra' – Ex 20,4 (*ídolos javistas*). RICHARD, P. et. al. *A luta dos deuses*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 11.

² CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2008, n. 360. Cf. PAPA FRANCISCO. *A Alegria do Evangelho*. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013, n. 10.

³ Cf. EG 49.

⁴ Cf. TORNIELLI, A. *Ex-núncio nos EUA, Viganò: "O papa deve renunciar"*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/582168-ex-nuncio-nos-eua-vigano-o-papa-deve-renunciar>. Acesso em: 26 set. 2018. FAGGIOLI, M. *O catolicismo nos Estados Unidos e a tentativa de golpe contra Francisco*. Disponível em:

a partir de vínculo eclesial cuja base se encontraria em uma decisão estética e não ética; também, é possível analisá-lo na perspectiva do florescimento de uma espiritualidade individualista. Entretanto, é tarefa do teólogo desmascarar o que há por trás de tal fenômeno e se perguntar pela razão *teo-logic* do surgimento de uma *nova idolatria* no seio do Catolicismo contemporâneo.

2. Contexto sócio-político e chamado à conversão

Não é pretensão deste artigo fazer uma análise aguçada sobre a situação sócio-política do mundo e do Brasil, por outro lado é fácil perceber que o mundo ocidental está submerso dentro de uma tensão de extremos.

Exemplo claro é tudo o que vem acontecendo no cenário político brasileiro: os extremos não se opõem, se excluem. Pode-se afirmar que o discurso extremista pode até não influenciar parte da população, mas domina o debate, especialmente nas redes sociais da internet. Isso sem mencionar o esdrúxulo retrocesso no pedido de intervenção militar que invadiu algumas manifestações recentes⁵.

O cenário de outros países latino-americanos não é muito distinto do brasileiro: a Nicarágua sofre com as imposições autoritárias de seu governo⁶; o povo venezuelano parece ter perdido fôlego para restabelecer o diálogo depois das últimas eleições e a economia do país afunda a cada hora que passa⁷; toda esperança de mudança do novo governo argentino não chegou nem perto de uma promessa e país começa a respirar novamente os ares de 2002⁸.

Do outro lado do Atlântico, a democracia dos países se vê ameaçada pelo fortalecimento da extrema-direita, o que ficou claro nas últimas eleições da França, Áustria, Suécia e até Alemanha, onde o Partido Nacional-socialista conquistou algumas cadeiras do *Bundestage*. A Itália enfrenta mais uma das tantas crises políticas que vem passando desde o

<http://www.ihu.unisinos.br/582208-o-catolicismo-nos-estados-unidos-e-a-tentativa-de-golpe-contra-francisco-artigo-de-massimo-faggioli>. Acesso em: 26 set. 2018.

⁵ Cf. FACHIN, P. MACHADO, R. *Eleições 2018. A radicalização da polarização política no Brasil. Algumas análises. Entrevistas especiais*. Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/583456-eleicoes-2018-a-radicalizacao-da-polarizacao-politica-no-brasil-algumas-analises-entrevistas-especiais>. Acesso em: 08 out. 2018.

⁶ Cf. CAPUZZI, L. Nicarágua. *Ortega está mais só. País em revolta: 38 mortos. Mas desponta uma mediação*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578401-nicaragua-ortega-esta-mais-so-pais-em-revolta-38-mortos-mas-desponta-uma-mediacao>. Acesso em: 26 set. 2018.

⁷ Cf. GARCÍA MARCO, D. *Eleições na Venezuela: "o que são os pontos vermelhos" e por que Henri Falcón acusa Maduro de compra de votos*. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44203457>. Acesso em: 26 set. 2018.

⁸ Cf. AZEVEDO, W. Argentina. *Movimentos sociais e oposição avançam enquanto Macri faz apelo aos militares*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579551-argentina-movimentos-sociais-e-oposicao-avancam-enquanto-macri-faz-apelo-aos-militares>. Acesso em: 26 set. 2018.

final da Segunda Guerra Mundial, cujas consequências podem afetar não só o país, mas toda a Zona do Euro e, portanto, todo o mundo⁹.

A catástrofe humanitária no Oriente Médio, especialmente na Síria não tem previsão para acabar. Ainda está o flagelo dos imigrantes do norte da África e Oriente Médio e dos países centro-americanos que sonham com uma vida melhor nos países do Norte, mas o que encontram é exploração e, não poucas vezes, morte. Para finalizar, o extremismo de ideias e práticas vai se disseminando por todo o mundo e não há exemplo melhor que o caricaturesco presidente norte-americano. Esse extremismo político, que é sustentado pelo neoliberalismo econômico, somente gerado mundo afora exclusão, pobreza e violência¹⁰.

Evidentemente, há muito mais para ser analisado e refletido, portanto é necessário se abrir à complementação das demais ciências humanas. Qual é a atitude dos diversos setores da Igreja Católica para refletir toda essa complexidade?

Em um texto publicado durante a paralização do transporte de carga no Brasil (05/2018), o Arcebispo e os Bispos auxiliares da Arquidiocese de Belo Horizonte¹¹ afirmaram que o país passa por um “Tempo de aprendizado e mudanças”. Trata-se de um texto iluminador, sobretudo pela esperança que traz ao afirmar que, mediante humildade e sabedoria, mas sobretudo mediante uma verdadeira conversão, “*um rumo novo, no horizonte da justiça e da paz*” surge. Entretanto, os senhores Bispos reforçam que a *conditio sine qua non* para o surgimento desse novo horizonte é a verdadeira conversão.

Não se trata de palavras novas: o Papa Francisco repete insistentemente na verdadeira conversão¹², inclusive o texto conclusivo da Conferência Geral de Medellín, que completa 50 anos em 2018, já mencionava essa verdadeira conversão enfaticamente¹³. Qual conversão? A resposta evidente seria a conversão a Deus. Mas dado o primado da realidade é mister se perguntar: conversão a qual Deus?

3. A conversão ao Deus de Jesus de Nazaré

Sempre quando se fala de conversão, há de se precisar conversão a quem. Neste caso, se trata da conversão ao Deus anunciado por Jesus de

⁹ Cf. EBNER, J. “*Eles manipulam a agenda política*”, diz pesquisadora, sobre estratégia da extrema direita na internet. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/577444-eles-manipulam-a-agenda-politica-diz-pesquisadora-sobre-estrategia-da-extrema-direita-na-internet>. Acesso em: 26 set. 2018.

¹⁰ Cf. ALEMÁN, J. *Neoliberalismo e pós-fascismo*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578372-neoliberalismo-e-pos-fascismo-artigo-de-jorge-aleman>. Acesso em: 26 set. 2018.

¹¹ Cf. ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. *Tempo de aprendizado e mudanças*. Disponível em: <http://arquidiocesebh.org.br/noticias/tempo-de-aprendizado-e-mudanca-nota-do-arcebispo-e-bispos-auxiliares-da-arquidiocese-de-belo-horizonte>. Acesso em: 26 set. 2018.

¹² cf. EG 182. Cf. PAPA FRANCISCO, *O rosto da misericórdia*. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015, n. 19.

¹³ Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 1987, Justiça n. 04, Pastoral das Elites n.13.

Nazaré, cuja revelação acontece mediante o anúncio do Reino aos pobres, seus prediletos. Tal anúncio pode ter causado escândalo aos ouvintes e, sobretudo, aos opositores de Jesus porque uma conclusão que pode ser seguida do anúncio do Reino é que o Deus anunciado por Jesus Cristo tem prediletos e, logo também os que são rejeitados. Esses são os ricos e opressores, que tornam real a injustiça na história.

Os ricos, embora não apareçam comumente como adversários diretos de Jesus, estão certamente muito presentes em suas denúncias. "Ai de vós, ricos!" (Lc 6,24). Eis aqui uma denúncia absoluta dos ricos e de sua riqueza, que não pode ser de modo algum suavizada. (...) Riqueza não significa aqui a abundância de bens, ocasionalmente abençoada por Deus no AT, mas – por implicação – abundância insultante de uns em contraste com a pobreza desumana de outros. Se com o termo "abundância" se descreve uma bênção no AT, com o termo "riqueza" se descreve uma maldição no NT, e Jesus explica de diversas formas o que ontem como hoje soa como paradoxo: que a riqueza seja uma maldição.¹⁴

Entretanto, ainda há *algo mais* que só pode ser extraído pela contemplação e a reflexão da práxis de Jesus de Nazaré. O que é último para Jesus? Evidentemente Jesus não é último para si mesmo, mas também não é possível afirmar que o último para Jesus seja simplesmente Deus. O centro e estrutura de toda a pregação de Jesus é o Reino de Deus que estava próximo (cf. Mc 1,15), portanto o último para Jesus é o Reino, entendido como relação concreta e salvífica de Deus com a história da humanidade¹⁵.

Ao superar a linguagem genérica salvação, também é fundamental superar a linguagem genérica acerca de Deus. Quem é Deus para Jesus de Nazaré? Em sua vida, não é possível identificar uma doutrina sobre Deus, porém mediante sua práxis se pode afirmar que seu Deus é o Deus da vida e o Deus que dá a vida. Se por um lado é possível conhecer o Deus de Jesus Cristo como o Deus da vida por sua transcendência em relação ao mundo – ele é o Deus criador, o Deus que dá a vida a toda a criação –, por outro lado, é possível conhecê-lo pela sua proximidade histórica, especialmente dando a vida para os mais pobres – ele é o Deus bom e misericordioso¹⁶.

Essa noção fundamental para Jesus deixa claro que Deus é um mistério no sentido mais estrito – transcendência e imanência, poder criador e bondade não se excluem. Ainda que seja quem se aproxima e dá a vida aos empobrecidos, Deus permanece sendo o mistério insondável até mesmo para o próprio Jesus, como sua oração revela (cf. Lc 22,42). Ele encontra o

¹⁴ SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 254-255. Ainda que o texto original espanhol tenha sido publicado em 1991 pela UCA Editores, San Salvador, com o título *Jesucristo liberador* no presente texto, seguir-se-á a edição citada.

¹⁵ Cf. *Idem*. *Jesús en América Latina*. 1ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1982. p. 133.

¹⁶ Cf. *Idem*, 1996, p. 203-207.

sentido de sua vida em ser totalmente disponível a esse mistério e à realização de sua vontade, por mais obscura que possa ser¹⁷.

A noção de Deus de Jesus de Nazaré está intimamente ligada à própria experiência que ele faz de Deus. Trata-se de uma experiência concreta, que se realiza em mediações históricas e o abre à transcendência de Deus. A principal mediação histórica feita por Jesus é a do amor que se converte em serviço; amor que se torna doação. Logo, a existência de Jesus se converte em uma constante doação de si mesmo. D. Bonhoeffer afirma: *Jesus é o homem para os demais*¹⁸. Dar vida é dar a própria vida em favor dos demais; Jesus não é só pré-existente, ele é *pró-existente*¹⁹.

Vida para Jesus também não tem uma conotação genérica, mas é mediação de Deus, da santidade absoluta, daquilo que não pode ser manipulado, que se deve servir e que jamais pode ser usado para interesse próprio. Vida, portanto, é o que é dado e o que se deve dar, especialmente para aqueles que não a têm; a vida é para Jesus salvação do empobrecido, daquele que se vê privado do mínimo²⁰.

A fidelidade histórica de Jesus – fidelidade ao Reino – na prática do amor aos seres humanos é fidelidade ao mistério de Deus. A forma correspondente desse mistério último, o mistério de Deus, é a filiação: o Deus da vida e que dá a vida é o Pai de Jesus. Jesus está convencido que Deus é bom, é digno de confiança. À fidelidade total ao mistério de Deus corresponde a confiança plena no Pai que é bom. Essa bondade não pode ser compreendida em uma relação de contraposição entre Deus e a humanidade, como o fizeram os opositores de Jesus: Deus não tem ciúmes dos seres humanos, pelo contrário, os seres humanos são o mais importante para Deus²¹.

Contudo, o que mais chama a atenção na revelação de Deus por Jesus de Nazaré, o Deus da vida, o Pai misericordioso e bom, é o fato de que ela não acontece sobre uma *tabula rasa*, mas em meio a circunstâncias históricas concretas de pecado, especialmente de pecado contra os pobres e pequenos deste mundo. A presença do anti-Reino (mediação) e dos ídolos (mediadores) faz com que Jesus de Nazaré (mediador) e o Reino (mediação), mas também o Deus de Jesus de Nazaré (absoluto) não estabelecem somente uma relação dialética, se estabelece, verdadeiramente, uma relação duélica. Trata-se da estrutura *teo-logal-idolátrica* da realidade²².

¹⁷ Cf. *Ibidem*, p. 211.

¹⁸ *Apud* SOBRINO, 1982, p. 201.

¹⁹ Cf. *Ibidem*, p. 200-202.

²⁰ Cf. *Ibidem*, p. 196-197.

²¹ Cf. *Idem*, 1996, p. 218-219. Ainda que seja na perspectiva do tratado da graça, diferente, portanto à de J. Sobrino, M. França Miranda também expressa a ideia da predileção de Deus pelo ser humano, especialmente quando reflete sobre "o ser humano chamado para o Reino" e "a eleição em Cristo". Cf. FRANÇA MIRANDA, M. *A Salvação de Jesus Cristo, a doutrina da graça*. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 47-57.59-67.

²² Cf. SOBRINO, *op. cit.*, p. 241.

4. Desmascarando os ídolos da morte

O compromisso de Jesus é contra os ídolos criados pela humanidade pecadora, que podem ser chamados de ídolos da morte. O culto ao Deus da vida produz vida; o culto aos ídolos da morte produz morte. Aqui já se apresenta uma possível compreensão para a morte violenta de Jesus: com o afã de defender os ídolos da morte, seus contemporâneos o condenaram à morte em um culto; quem defende o Deus da vida passa pela morte²³.

Não obstante, há uma pergunta que não pode ser deixada de lado: os ídolos da morte que condenaram Jesus de Nazaré à morte permanecem os mesmos na atualidade? Ainda há ídolos que condenam homens e mulheres deste tempo à morte? Infelizmente, a resposta é sim. Mas quem são esses ídolos?

Não se trata de uma tarefa fácil identificar os ídolos pelo fato que muitas vezes dentro do trabalho teológico a confrontação se dá mais com o ateísmo do que com a idolatria. A pergunta pelo ateísmo está muito mais relacionada com a pergunta que o ser humano faz sobre si mesmo e sua realidade última: a existência ou não existência de Deus, o que condiciona a própria existência humana à dominação ou à servidão. Parecera se tratar de um questionamento, inclusive, pragmático uma vez que orienta toda a vida humana²⁴.

Porém, a pergunta pela idolatria, ainda que muitas vezes eclipsada, é primigênia porque há sacrifícios aos ídolos²⁵; os ídolos produzem vítimas. Já não se trata somente de uma questão pragmática, mas de uma exigência prática²⁶. A idolatria, que pode parecer uma peça de museu para a Teologia, ainda deve ser refletida e aprofundada.

²³ Cf. *Ibidem*, p. 159.

²⁴ J. Sobrino se dedica amplamente à determinação do ponto dialético da Teologia cristã – *ateísmo ou idolatria*. O autor afirma que uma Teologia constituída unilateralmente no enfrentamento com o ateísmo sofre grandes limitações pela ausência de historicidade e pelo seu fechamento em um pensar *teo-lógico*, porém incapaz de conduzir a uma *Teo-práxis*. A *Teo-logia* feita a partir das vítimas deste mundo, portanto que tem como ponto dialético a idolatria e não o ateísmo, está orientada pela prática evangélica de Jesus de Nazaré e não somente por uma noção filosófica da divindade. Além do mais, a *Teo-práxis* dirigida ao resgate dos que são desprezados neste mundo, permite que a Teologia se universalize. A vontade salvífica universal de Deus não se vê afetada pelo amor parcial que Deus tem para com as vítimas, os pobres; a possibilidade de uma conversão real para a vida empobrecida e, portanto, para o verdadeiro seguimento de Jesus, sempre permanece aberta para todos. Cf. SOBRINO, J. *Reflexiones sobre el significado del ateísmo y la idolatría para la Teología*. Revista latinoamericana de Teología n. 7, p. 45-81, 1986. Também há de citar-se a obra de J. L. Caravias na qual o autor apresenta de uma forma mais catequética a problemática da idolatria para a fé cristã nos países em desenvolvimento. Cf. CARAVIAS, J. L. *O Deus da vida e os ídolos da morte*. São Paulo: Paulinas. 1982, 1ª edição.

²⁵ No contexto do estudo sobre a idolatria, especialmente a idolatria na América Latina, J. Sobrino faz uso do termo *vítimas*. Porém, não se deve esquecer que essa terminologia se aproxima muito ao I. Ellacuría chamou de *povo crucificado*. Cf. ELLACURÍA, I. *El pueblo crucificado*. In ELLACURÍA, I. SOBRINO, J. *Mysterium liberationis: conceptos fundamentales de Teología*. Madri: Trota, 1990. p. 189-216. Tomo I. Além de espanhol, membro da Companhia de Jesus e professor da UCA, I. Ellacuría foi um grande amigo de J. Sobrino. Em 1989, foi morto com mais cinco jesuítas e a funcionária da casa e sua filha de 15 anos; além do pensamento de I. Ellacuría, esse trágico acontecimento se torna central para o desenvolvimento da Cristologia de J. Sobrino. Cf. SOBRINO, J. *O princípio misericórdia – descer da cruz os povos crucificados*. 1ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 267-269.

²⁶ Cf. SOBRINO, *op. cit.*, p. 268-271.

J. L. Sicre, em sua obra *Los dioses olvidados*²⁷, aponta que o esquecimento da idolatria e dos ídolos se deve a uma afirmação ingênua: a contraposição da proibição do uso de imagens em Israel e seu uso no paganismo. A idolatria, portanto, permaneceria circunscrita dentro de um contexto religioso e já não haveria mais sentido de falar sobre a mesma na sociedade ocidental secularizada. Entretanto, uma leitura atenta dos textos proféticos do Antigo Testamento mostra que os ídolos não pertencem somente ao culto, mas às relações de justiça e, portanto, injustiça na sociedade²⁸.

Quem são as vítimas? A partir do livro do profeta Amós, é possível identificar grupos sociais que eram vitimados²⁹:

- as criadas (2,7): ainda que não seja possível afirmar com que frequência, mas o profeta deixa registrado que as famílias abastadas possuíam uma ou mais e que elas eram abusadas sexualmente; já não se trata de casos isolados, mas do abuso realizado pela condição humilde das criadas;

- os necessitados (2,6; 4,1; 5,12; 8,4.6), humilde (2,7; 8,4): não se pode determinar exatamente a que classe pertenciam esses indivíduos, contudo o profeta deixa claro que havia aqueles que eram oprimidos na cidade (Samaria) pelo peso das cargas dos tributos e aqueles que eram oprimidos nos campos porque se viam obrigados a abandonar parte de sua produção em forma de impostos exigidos pelos dirigentes sociais;

- as pessoas de escassos bens (2,7; 4,1; 5,11; 8,6): em concordância com outros dados da Escritura (cf. Ex 30,15; Lv 14,21), esse grupo não pode ser considerado indigente, pelo contrário gozavam de pleno direito, mas tinham que sacrificar sua vida trabalhando e corriam sempre o risco de perder sua independência.

Tão ingênua quanto o esquecimento da idolatria por parte da Teologia, seria a transposição direta da denúncia profética, como a feita por Amós, à atualidade. Os profetas possuíam uma concepção sacra das relações de poder dentro da sociedade veterotestamentária, que foi superada pelo Novo Testamento. Contudo, como já foi indicado, a idolatria não pode ser pensada somente em um contexto do culto; o perigo de divinizar as realidades criadas nasce do coração humano³⁰. Mas a urgência de desmascarar os ídolos está no fato de que na atualidade há vítimas, inclusive dentro dessa mesma urgência se compreende a práxis libertadora de Jesus de Nazaré, práxis que desmascara os falsos ídolos que dão morte.

²⁷ Cf. SICRE, J. L. *Los dioses olvidados*. 1ª ed. Madrid: Ediciones Cristiandad. 1979.

²⁸ Cf. *Ibidem*, p. 84.

²⁹ Cf. *Idem*. *A justiça social nos profetas*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas. 1990. p. 189-195. Ainda que o texto original espanhol tenha sido publicado em 1984 pela Ediciones Cristiandad, Madri, com o título "*Con los pobres de la tierra*". *La justicia social em los profetas de Israel*, no presente texto, seguir-se-á a edição citada.

³⁰ Cf. *Ibidem*, p. 84.

O documento final da Conferência de Puebla enfatiza que há realidades históricas que atuam contra o Deus de Jesus de Nazaré, o Deus vivo³¹. Contudo, o documento não fica somente em uma afirmação transcendental, também dá exemplos e hierarquiza essas realidades históricas; destaca especialmente a riqueza e o poder político aquelas que mais vítimas fazem³². A Conferência de Medellín já tinha afirmado, em seu documento conclusivo, que a absolutização da riqueza e da propriedade privada geram a violência institucionalizada³³.

A autoridade, a estrutura de classes e o conseqüente sistema de propriedade aparecem na mensagem cristã exclusivamente em sua perspectiva escatológica. Nessa perspectiva estão condenados a desaparecer e, portanto, aparecem como ilegítimos. Mas ao desaparecer unicamente nessa perspectiva, são ao mesmo tempo declarados vigentes. (...) O ponto de partida da mensagem cristã era o sujeito em comunidade com os outros sujeitos. Essa comunidade aparecia como limitada pelo fato da existência da propriedade. Surgiu, pois, a tentativa de converter a comunidade cristã em comunidade de bens. Não sendo factível tal solução, aparecem desde o século II pensamentos sobre o direito dos pobres e o direito de todos ao uso dos bens da terra. A própria propriedade aparecia como ilegítima, embora, pela não viabilidade de uma comunidade de bens, fosse vigente. Portanto, o proprietário é somente administrador dos bens da terra. O fim dessa administração é assegurar a todos o acesso aos bens da terra. Assim os pobres têm um direito aos bens necessários, e é obrigação concedê-los.³⁴

Sem a ter pretensão de forçar o texto bíblico, mas há uma proximidade grande entre a denúncia do profeta Amós e as denúncias dessas Conferências Gerais do Episcopado latino-americano, sobretudo com a identificação da riqueza e do poder político como aquelas realidade históricas que mais fazem vítimas e, portanto, como aquelas realidades históricas são postas como absoluto e se convertem em ídolos.

A idolatria não pode ser vista somente como perversão ética radical, mas também é uma perversão *teo-logical*. Trata-se de falar em ídolos no sentido próprio, não somente em sentido figurativo da expressão, como deuses da morte. A Teologia latino-americana da libertação não se cansou – e não se cansa! – de denunciar o culto idolátrico que ceifa a vida de milhões de homens e mulheres, seja por uma morte rápida, como aconteceu no passado com morte das populações indígenas e a escravatura dos africanos no continente, seja por uma morte lenta, como acontece nas periferias das grandes cidades. Ambos os casos de morte são marcados pela

³¹ Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 1979. n. 405, 491, 493, 497, 500.

³² Cf. *Ibidem*, n. 27-50.

³³ Cf. *Idem*, 1987, Paz, 16.

³⁴ HINKELAMMERT, F. *As armas ideológicas da morte*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 216.

violência brutal, que pode ser diretamente relacionada ao sacrifício de vida em favor dos ídolos³⁵.

4.1 Jesus de Nazaré desmascara os ídolos³⁶

Nada do que foi criado pode ser usado contra os seres humanos, logo nenhum ser humano pode usar da criação contra seus semelhantes. Isso pode ser visto na práxis de Jesus de Nazaré que passou pela vida fazendo o bem (cf. At 10,38). Ele se converte no protossacramento do Deus bom – ele mesmo sempre esteve a favor dos seres humanos. Essa práxis também se torna um escândalo, porque impõe que os seguidores de Jesus Cristo vivam a radicalidade da bondade de Deus em suas vidas. Não basta afirmar que Deus é bom, é preciso ser bom como ele é bom³⁷.

Ainda mais, Jesus não só vivencia e testemunha a bondade de Deus, como também seu amor, suas entranhas de misericórdia. O amor de Deus pode ser definido como aquele que quer o bem do outro e *só por causa* do bem do outro. Em sua confiança plena em Deus, Jesus o chama de *abbá*; uma expressão cheia de carinho e familiaridade³⁸ que se aproxima de expressões referidas à ternura de Deus no AT (cf. Is 49,15).

Mesmo que o Deus bom exija conversão, especialmente o abandono de uma imagem equivocada da divindade, ele não se impõe como autoritário e opressor. Jesus apresenta a questão de Deus de uma forma dialética: servir a um é odiar o outro. Não se trata somente de ignorar a existência dos deuses falsos, é necessário odiá-los (cf. Mt, 6,24; Lc 16,13).

O termo *mamon*, que designa aqui a riqueza, pode significar várias coisas segundo seu uso no AT: fortuna, lucro (lícito ou ilícito), dinheiro entregue ao juiz como resgate, suborno pago ao juiz... No entanto, o termo e seus equivalentes surgem “de preferência nos oráculos de denúncia social” (SICRE, 1979, p. 107). O mais importante para nosso propósito é, porém, que Jesus o declara “senhor”, quer dizer, faz desempenhar o papel de um deus e apresenta a alternativa excludente entre Deus e *mamon*: “ninguém pode servir a dois senhores. Pois ou odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro”. A riqueza funciona, então, como ídolo (...).³⁹

Chama a atenção que Jesus afirma que o que deve ser odiado é a riqueza e essa afirmação se encontra dentro do contexto da luta dos deuses,

³⁵ Cf. SOBRINO, 1996, p. 271-276

³⁶ Cf. RICHARD, P. *et. al. op. cit.* p. 30-36.

³⁷ Cf. SOBRINO, *op. cit.*, p. 212-213

³⁸ Cf. *Ibidem*, p. 213.

³⁹ *Ibidem*, p. 258.

por isso a idolatria não deve ser analisada somente como um problema ético, mas como um problema *teo-logical* por excelência⁴⁰.

O dinheiro é uma mercadoria. Mas não é uma mercadoria como as outras. É uma mercadoria destacada. É aquela mercadoria que serve como denominador comum de todas as outras e na qual todas as outras têm de transformar-se para receber a confirmação de seu valor. (...) Nesse sentido serve para exprimir o valor das mercadorias. O dinheiro desempenha essa função embora deixe de ser mercadoria e seja transformado em puro símbolo. Todavia, enquanto mercadoria-dinheiro, é a única mercadoria que não precisa ser transformada em dinheiro, porque ela mesma é dinheiro.⁴¹

A consequência lógica que se extrai da reflexão é que a fé no Deus de Jesus Cristo deve ser uma fé anti-idolátrica. Trata-se de uma realidade já presente no Antigo Testamento porque a fé de Israel não é monoteísta e monolatrista, é uma fé anti-idolátrica (cf. Mq 6-7); aquele que tem por Deus o Senhor Deus de Israel não pode ter, de modo algum, outros deuses, nem mesmo se permitir a prática sincretista⁴².

Nesse sentido, Jesus condena definitivamente a riqueza como o grande rival de Deus (cf. Mt 6,24), como aquele que oculta a Boa notícia do Reino (cf. Mt 13,22). A alternativa apresentada pelo profeta Elias entre Deus e *baal*, ou entre Deus e o poder dos impérios, pelos demais profetas, é colocada por Jesus como a alternativa excludente entre Deus e *mamon*, o deus da riqueza. Era a tentação de seu tempo e, à diferença do profeta Ezequiel que afirmou que ouro e prata não se salvarão no dia da fúria (cf. Ez 7,19), Jesus afirma categoricamente que condenam o ser humano⁴³.

Jesus não quer provar a existência de Deus, mas sim qual é o verdadeiro Deus e o faz através de uma práxis libertadora. Ele sai em defesa das vítimas de *mamon*, daqueles que são desprezados pelos ricos e poderosos e exige que seus discípulos façam o mesmo, tanto que o grande critério que terá no juízo final será o comportamento dos seus diante dos famintos, sedentos, estrangeiros, nus, enfermos e presos (cf. Mt 25, 31-46). Seu critério não está simplesmente em *saber* de Deus, mas em *fazer* como Deus; a *ortopraxis* de Jesus possui supremacia *teo-logical* porque não só sabe de Deus, mas porque faz o que Deus faz (cf. Tg 1,27). Essa práxis encontra seu lugar no meio dos pobres e oprimidos, trata-se de protegê-los

⁴⁰ Cf. *Ibidem*, p. 277. J. M. Sung também apresenta amplamente a problemática da idolatria da riqueza e do dinheiro que se contrapõe à fé no Deus de Jesus Cristo. Cf. SUNG, J. M. *A idolatria do capital*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 128-132.

⁴¹ HINKELAMMERT, *op. cit.*, p. 40-41.

⁴² Cf. SOBRINO, 1996, p. 277-279.

⁴³ Cf. SICRE, 1990, p. 545-553.

da crueldade dos ídolos da morte, especialmente de *mamon* que ceifa inúmeras vidas mediante um sacrifício macabro⁴⁴.

A vitória definitiva de Jesus sobre os ídolos se deu quando ele foi ressuscitado por Deus, o Pai misericordioso. Pela estrutura *teo-legal* idolátrica da realidade⁴⁵, o triunfo sobre a morte não deve ser entendido somente como algo maravilhoso acontecido ao corpo de Jesus de Nazaré; é a vitória escatológica de Deus sobre a injustiça e a violência cometidas contra uma vítima inocente. Jesus, que sempre se apresentou como o defensor da vida, especialmente dos mais vulneráveis, foi condenado à morte em um ritual macabro. Contudo, a esse ritual macabro não tem a última palavra. O Deus de bondade ressuscita seu Filho e lhe concede triunfar sobre aqueles que o condenaram – a vítima vence o verdugo. Esse evento escatológico gera esperança na história e mostra que os deuses da morte jamais triunfarão diante da bondade do Deus criador que, na ressurreição de seu Filho, também se revela como o Deus da vida definitiva, especialmente daqueles que injustamente são condenados à morte⁴⁶.

5. Os ídolos hoje

Os deuses econômicos são deuses óbvios. Tão óbvios no seu caráter de deuses reais e verdadeiros, que geralmente nem nos ocorre chamá-los de falsos. São deuses verdadeiros demais para serem facilmente questionados. Sua identidade se ocultou no funcionamento da economia. São deuses tão óbvios e verdadeiros que sua presença não é notada. Ninguém os vê caminhando pela rua, mas eles estão na rua, nas casas e sobretudo nos comércios e em todas as instituições econômicas.⁴⁷

O maior de todos os ídolos que duela com o Deus de Jesus Cristo é *mamon*, a riqueza. Contudo, é preciso se fazer uma pergunta: como *mamon* se apresenta nos dias de hoje? Ainda mais, *mamon* também não estaria por detrás de práticas idolátricas cada vez mais presentes em templos católicos? Não se trata simplesmente de deflagrar práticas, mas através de um olhar crítico, desmascarar o ídolo que as inspira e exige sacrifícios cruéis para sua imposição sobre o Deus único e verdadeiro. Segundo H. Assmann,

⁴⁴ SOBRINO, *op. cit.*, p. 279-284. P. S. Lopes Gonçalves retoma o tema da idolatria em sua tese doutoral e reflete sobre os sacrifícios macabros exigidos por *mamon*, entendido, porém, como mercado financeiro. Cf. LOPES GONÇALVES, P. S. *Liberationis mysterium: O projeto sistemático da teologia da libertação. Um estudo teológico na perspectiva da regula fidei*. Roma: Tesi Gregoriana Serie Teologia 33, 1997. p. 318-323. H. Assmann apresenta a mesma temática. Cf. ASSMANN, H. *A idolatria do mercado, ensaio sobre Economia e Teologia*. 1ª ed. São Paulo: Vozes. 1989. p. 352-362.

⁴⁵ Cf. nota 22.

⁴⁶ Cf. SOBRINO, J. *La fe en Jesucristo – ensayo desde las víctimas*. 1ª ed. San Salvador: UCA Editores, 1999. p. 69-103. Haveria muito mais a se dizer sobre a ressurreição de Jesus de Nazaré a partir da Cristologia de J. Sobrino, ater-se-á, porém, ao fato de que a ressurreição é um evento escatológico que mostra o triunfo definitivo de Deus sobre os deuses da morte e seus mediadores, que condenaram Jesus de Nazaré. Ainda que já tenha sido explicitado no texto, a vitória de Jesus na ressurreição gera esperança às vítimas dos ídolos hoje e é fundamental que a práxis da Igreja, continuadora do testemunho do Ressuscitado, seja impregnada por dessa esperança.

⁴⁷ ASSMANN, 1989, p. 83

esses ídolos são facilmente encontrados nas ruas, casas e instituições econômicas, mas não estariam agindo também dentro da instituição religiosa católica?

A tarefa de desmascarar um ídolo não é fácil, porque ele se esconde por detrás de práticas (ritos) e discursos (mitos). As práticas são facilmente conhecidas; basta entrar em um templo católico de uma grande cidade e se encontrar com moças usando véu, rapazes com correntes nos pulsos e nos tornozelos, cruces cada vez maiores penduradas nos pescoços, um pietismo afastado da Escritura e do mundo e uma liturgia clericalista e contrária às reformas indicadas pelo Concílio Vaticano II, especialmente pelo abuso das vestes e adornos sacros. Porém, antes de desmascarar o ídolo, é preciso conhecer também o discurso que sustenta essas práticas: trata-se de um discurso fundamentalista, no que se refere à doutrina, restauracionista, no que se refere à Igreja, e integrista, no que se refere à moral.

Não é somente um discurso tradicionalista, isto é, que siga a Tradição eclesial mesmo em seu viés mais conservador. Trata-se, sim, de um discurso fundamentalista que até se afasta da noção de Tradição e se apega às tradições, especialmente àquelas nascidas dentro do contexto da Cristandade medieval e do movimento pós-tridentino. É um discurso que não permite a abertura para uma reflexão contextualizada da fé cristã; o que vale é a repetição de formulações do Catecismo, chegando inclusive ao afastamento, se não à negação das Sagradas Escrituras⁴⁸.

Juntamente com esse discurso fundamentalista da doutrina, se encontra o projeto de restaurar uma Igreja segundo os moldes de uma *societas perfecta*, portanto uma Igreja que está muito longe da reflexão do Concílio Vaticano II, mas que se aproxima muito da Igreja da Cristandade. A Igreja deve se afastar do mundo porque sua missão é a conservação de si mesma e não o anúncio da Boa-nova de Jesus de Nazaré aos povos. Não é uma Igreja missionária, mas uma Igreja centrada em si mesma⁴⁹.

Finalmente, por trás das práticas idolátricas da atualidade, está um discurso moralista e integrista. A moral abandona seu nicho mais próprio que é o sujeito dentro de uma sociedade e se centra somente no sujeito, especialmente nos preceitos de controle do corpo. Já não faz parte da reflexão moral os caminhos para encontrar uma justiça social; o discurso moral se reduziu ao que *se pode* e *não se pode* fazer em relação ao sexto mandamento⁵⁰.

Uma conclusão possível, mas equivocada, seria afirmar que o grande ídolo que está por detrás desse discurso é própria *sã doutrina*, como alguns

⁴⁸ Cf. TOMKA, M. *Fundamentalismo, integrismo, seitas na Igreja*. Concilium. Petrópolis, v. 279, n. 1, p. 138-145, 1999.

⁴⁹ Cf. FERNÁNDEZ DE LA HOZ, P. *Fundamentalismos e integrismos: una rigidez cadavérica*. Sal Terrae – revista de pastoral. Santander, t. 79, n. 1, p. 15-26, ene. 1991.

⁵⁰ Cf. GÓMEZ DE SOUZA, L. A. *Um véu de integrismo e fundamentalismo ameaça o mundo pluralista de hoje*. Cadernos IHU em formação. São Leopoldo, v. 3, n. 21, p. 44-50, 2007. Vide também TORRES QUEIRUGA, A. *El Papa pastor frente al restauracionismo preconiliar*. Selecciones de Teología. Barcelona, v. 54, n. 215, p. 171-184, 2015.

chegam a afirmar. Talvez, possa-se, inclusive, afirmar que não se trata somente de um ídolo, mas de vários ídolos: a *ũa doutrina*, a *liturgia tridentina*, a *preservação da moral e dos bons costumes*. Será, no entanto, somente isso?

Chama a atenção que dentro desse contexto a família vem ganhando grande peso. Entretanto, se trata uma configuração familiar muito específica: heterossexual e nuclear. Não é pretensão deste trabalho entrar na discussão sobre as diversas configurações familiares possíveis dentro de uma sociedade plural e como deveria ser seu vínculo com a Igreja, muito menos o trabalho pretender confrontar essas diversas configurações familiares com o Sacramento do Matrimônio. Contudo, é intenção do estudo sublinhar a contraposição existente entre configuração heterossexual e nuclear da família e a sociedade. Se contraposta, a família se converte em núcleo absoluto tendo, inclusive, o direito de se opor à sociedade em certas circunstâncias, como no caso do debate sobre educação sexual das crianças e adolescentes⁵¹.

Seria, portanto, a família heterossexual e nuclear o ídolo por trás das práticas acima mencionadas? Também, não! Como já foi indicado, não é pretensão investigar sobre a família e seu valor; mas é preciso afirmar que existe um descompasso entre família e sociedade, que, por sua vez, se torna mais plural e diversa. O que estaria por detrás disso? Novamente, o maior de todos os ídolos: *mamon*, desta vez entendido como acúmulo de riqueza pela preservação da *propriedade privada*.

Com esse direito ao uso dos bens, que é um direito de vida e que inclui o direito aos meios de vida, aparece um novo valor intrínseco, que na própria mensagem [cristã] só é expresso indiretamente. É consequência do fato de que na mensagem cristã todos os valores são derivados do sujeito em comunidade com os outros sujeitos e, portanto, do amor ao próximo. Essa derivação de todos os valores do amor ao próximo pode ser encontrada mais explicitamente em Paulo. Paulo sublinhou os mandamentos como valores derivados do amor ao próximo e com vigência intrínseca. Portanto, são valores que não vigoram somente na perspectiva escatológica aquém do dia de Deus, mas também além deste. (...) O direito ao uso dos bens da terra agora surge como valor intrínseco ao amor ao próximo, cuja validade vai além da perspectiva escatológica. Portanto, há agora dois tipos de valores intrínsecos: os mandamentos e o direito de uso. Se prescindirmos das leis humanas, poderemos confrontá-los com a vigência extrínseca da autoridade, estrutura de classe e do sistema de propriedade. Quanto mais o Cristianismo se vê na necessidade de discernir entre autoridades específicas (...), mais tem de interpretar a autoridade com sua vigência extrínseca como mediação ou administração desses valores intrínsecos ao amor ao próximo. Na linha da mediação dos mandamentos pela autoridade

⁵¹ Cf. FACCHINI, R. *Gênero, orientação sexual e diversidade nos planos de ensino. Falsa ameaça*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/544802-falsa-ameaca>. Acesso em: 26 set. 2018.

dá-se uma crítica da autoridade tirânica; na linha do direito de uso, uma crítica da propriedade.⁵²

Uma vez que a propriedade privada é absolutizada e posta em oposição ao direito universal de acesso aos bens para toda a humanidade, ela se converte em ídolo, desenvolve seu discurso e suas práticas⁵³.

O apelo fundamentalista à doutrina católica e o restauracionismo eclesial fazem com que a visão de cristãos e cristãs se torne míope já não enxergando os imensos desafios em que a sociedade contemporânea se encontra imersa. Essa deformação de visão conduz a práticas idolátricas, inclusive a sacrifícios cruéis, uma vez que os cristãos e cristãs já não se engajam na práxis libertadora do Reino de Deus, mas se centram exclusivamente em práticas rituais exteriores. As vidas sacrificadas a *mamon* são dos pobres e miseráveis que ainda são a grande maioria, especialmente no Brasil e na América Latina. Eles são condenados a uma morte lenta por falta de condições mínimas de vida. Mas os católicos e católicas estão muito ocupados com a *sã doutrina* e a *liturgia impecável* esquecendo-se, portanto, da denúncia profética contra detentores da riqueza e do poder e da práxis libertadora dos pobres⁵⁴.

Não obstante, é no integralismo moral que *mamon* é mais reverenciado. O discurso em favor da família tem se convertido cada vez mais em um discurso para defender a propriedade privada, chegando à estapafúrdia apologia do uso legítimo de violência para defender a própria família e os bens. A compreensão do trabalho, aqui, é pervertida e seu valor está posto na riqueza que é produzida e não no significado do trabalho como atividade humanizadora⁵⁵.

Ainda há um elemento mais grave que deve ser deflagrado: a família heterossexual e nuclear, que se contrapõe abertamente à sociedade plural, se julga a única detentora do direito mais fundamental de todo ser humano, o direito à vida. O que é gerado fora desse contexto é visto como vida tolhida de humanidade. Não se trata, novamente, de uma morte rápida, mas de uma limitação para a convivência social, mas sobretudo eclesial, à qual muitos homens e mulheres são condenados. A raiz dessa morte lenta está no não reconhecimento, de direito e não poucas vezes de fato, de famílias monoparentais, famílias formadas depois de diversas uniões frustradas, famílias homossexuais.

É preciso estar atento porque a reivindicação dos defensores da família heterossexual e nuclear não estão defendendo nenhuma das

⁵² HINKELAMMERT, *op. cit.*, p. 217

⁵³ Cf. SOBRINO, 1996, p. 243-244.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 131-134.

⁵⁵ A Teologia do trabalho é essencialmente uma Teologia anti-idolátrica e humanizadora, como afirma E. Gasda. É urgente repensar o trabalho dentro dessa perspectiva anti-idolátrica, sobretudo para que não seja compreendido como um sacrifício macabro realizado em nome do acúmulo de riqueza. Cf. GASDA, E. *Cristianismo e economia – repensar o trabalho além do Capitalismo*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2014. Vide também SUNG, J. M., *op. cit.*, p. 98-99.

características essenciais do Sacramento do Matrimônio, isto é unidade, indissolubilidade e abertura à vida. Eles estão defendendo o direito à propriedade privada. Se, realmente estivessem imbuídos da riqueza sacramental, se esforçariam para que todas as demais configurações familiares tivessem reconhecimento e proteção por parte da sociedade, uma vez que o bem máximo do Matrimônio não é a propriedade, mas a vida (cf. AL 146)⁵⁶.

6. Conclusão

A reflexão apresentada até aqui abre diversas possibilidades de pesquisa, especialmente no campo da ética cristã⁵⁷. Contudo, a intenção principal do trabalho é *teo-logical*, isto é, mediante a constatação e a análise da prática idolátrica dentro do Catolicismo afirmar que é preciso conversão ao Deus de Jesus Cristo, conversão que implica não só o abandono das práticas e dos discursos apresentados, mas sobretudo do ídolo que está por trás de tudo isso. Como já foi dito, o ídolo é *mamon*, ídolo que exige sacrifícios macabros e aparece em oposição radical ao Deus único e verdadeiro (cf. Mt 6,24).

Para superar a idolatria, a Igreja e todos os cristãos devem se manter fiel à práxis de Jesus de Nazaré, que, além de se colocar a serviço dos oprimidos, exige a conversão radical dos opressores⁵⁸. Ainda que Jesus os reconheça como pecadores, lhes convida a entrar na dinâmica do Reino, isto é, que abracem a causa dos pobres, porque somente o pobre pode acolher toda a profundidade da mensagem cristã⁵⁹.

E um traço fundamental da práxis de Jesus de Nazaré é a misericórdia. Na luta dos deuses⁶⁰ os ídolos são cruéis, mas o Deus de Jesus Cristo é o bondoso e compassivo, ele é misericordioso. E sua misericórdia se revela na ortopraxis de Jesus que acolheu carinhosa e ternamente os pecadores e, nessa acolhida, perdoou os pecados⁶¹. Essa práxis misericordiosa – que é ao mesmo tempo libertadora – nasce da experiência mais íntima e profunda que o próprio Jesus faz de Deus: mesmo permanecendo um mistério insondável, Deus é um pai misericordioso.

A misericórdia é o fundamento da práxis de Jesus, mas também revela que na relação *duélica* com os deuses da morte, os ídolos, Deus se reveste

⁵⁶ PAPA FRANCISCO, *A alegria do amor*. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

⁵⁷ Cf. GASDA, 2014, p. 213-217.

⁵⁸ Cf. SOBRINO, *op. cit.*, p. 149.

⁵⁹ I. Ellacuría trabalha amplamente a conversão dos opressores à vida dos pobres e oprimidos. Segundo o autor, a estrutura fundamental da Igreja é dada pelos pobres – somente quem é ou quem se faz pobre pode fazer parte da Igreja. Cf. *La Iglesia de los pobres, sacramento histórico de liberación*. In ELLACURÍA, I. SOBRINO, J. *Mysterium liberacionis: conceptos fundamentales de Teología*. Madri: Trota, 1990. p. 127-153. Tomo II.

⁶⁰ A temática "luta dos deuses" se fez muito presente na reflexão dos teólogos da Libertação, como é possível constatar no que vem sendo refletido até o momento. Merece destaque a já citada obra *A luta dos deuses*, uma recopilación de textos de diversos autores, entre eles o próprio J. Sobrino que inspira e, também, P. Richard, F. Hinkelammert e H. Assmann que são citados neste trabalho.

⁶¹ Cf. SOBRINO, *op. cit.* p. 147-148.

de bondade e amor mediante a acolhida daqueles que são rejeitados. Deus não quer mais vítimas na história, ele quer o direito e a justiça para elas (cf. Sl 33, 5). Já os ídolos – e seus representantes, os opressores – não reservam esforços para fazer a injustiça e atentar contra a vida⁶².

Infelizmente, dentro de alguns círculos católicos atuais, especialmente aqueles que assumiram um discurso fundamentalista, restauracionista, moralista e integrista e práticas idolátricas, como o uso de véus e correntes, o incentivo a um pietismo afastado da Escritura e do mundo e a uma liturgia clericalista, o que se vê não é necessariamente a prática da misericórdia, mas a cruel prática da idolatria. A defesa da *sã doutrina*, da *moral* e dos *bons costumes* que esses círculos têm feito revelam uma Igreja que não se baseia na práxis libertadora de Jesus de Nazaré, mas que está fundada na necessidade de defender a propriedade privada, sobretudo para a família nuclear e heterossexual. Trata-se de uma negação da destinação universal dos bens. *Mamon* é idolatrado mediante essas práticas; *mamon* é reverenciado por círculos católicos que se veem desafiados pelo Evangelho do Reino, mas preferem uma postura conservacionista de suas práticas piedosas.

Não obstante, a prática da máxima autoridade da Igreja Católica vai em uma linha completamente oposta à acima exposta. O Papa Francisco se converte em um profeta do Deus de Jesus Cristo, especialmente contra as práticas idolátricas que se espalham dentro da própria Igreja. No contexto do Sínodo da Família, a prática misericordiosa, portanto anti idolátrica, de Francisco foi testemunhada em diversas ocasiões:

Pastor en la preocupación prioritaria y en la entrega al evangelio de los pobres, sufrientes y necesitados. Invierte radicalmente las prioridades, evitando el martilleo moralista de la moral sexual. Confieso que durante mucho tiempo había soñado con que un Papa pusiese el centro de su anuncio en los grandes y sangrantes problemas de la humanidad. El mundo necesitaba que en el ambiente resonase, clara y central, "la alegría del Evangelio", el anuncio de un Dios, que a través de los profetas y Jesús de Nazaret fue revelando que esa es su preocupación central y el criterio para medir la verdad de la fe.⁶³

A superação da idolatria não antes que *teo-lógica* deve ser *teo-prática*. O momento prático é primigênio, a *teo-logia* depois no esforço de sistematizar a ação, no caso concreto a ação misericordiosa. Os deuses da morte, os ídolos, são macabros e cruéis; já o Deus de Jesus de Nazaré e o próprio Jesus de Nazaré são bons e cheios de misericórdia. Francisco, ao longo de seu Pontificado, insiste incansavelmente que a misericórdia deve constituir o *ethos* fundamental da Igreja.

⁶² Cf. *Ibidem*, p. 276-284.

⁶³ TORRES QUEIRUGA in *Selecciones de Teología* 2015. p. 179.

Cita en este contexto [sobre la homosexualidad] las dos magníficas afirmaciones de san Juan de la Cruz acerca de la mirada divina. Con ellas quiero cerrar estas reflexiones. “El mirar de Dios es amar”, dice la primera, que llama a la comprensión, a la solidaridad, al apoyo y a la acogida generosa, dispuesta incluso a aprender allí donde antes había discriminación y condena. La segunda afirmación es: “El mirar de Dios es crear”, rompiendo nuestras estrecheces y fronteras, llamando a traspasar el ensimismamiento eclesiástico, para entregarse a la novedad divina, volcada a favor de una humanidad más humana.⁶⁴

Trata-se urgência para toda a Igreja, especialmente porque o anúncio do Reino aos pobres, como o fez Jesus de Nazaré, ainda continua sendo urgente. À Igreja não basta a imposição da doutrina, da moral e da liturgia, é fundamental o serviço à vida segundo a práxis, a ortopráxis, de Jesus. Afastar-se desse caminho é continuar condenando homens e mulheres dos dias de hoje aos sacrifícios macabros dos ídolos, dos deuses da morte, especialmente de *mamon*, que todos os dias ceifa impiedosamente a vida dos empobrecidos nos cantos do mundo.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 184.